

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE GEOGRAFIA

SIMONE CARVALHO DA SILVA

**ASPECTOS AGRÍCOLAS DE UM MUNICÍPIO COM POPULAÇÃO
PREDOMINANTEMENTE URBANA: O CASO DE CRICIÚMA-SC**

CRICIÚMA, 2011

SIMONE CARVALHO DA SILVA

**ASPECTOS AGRÍCOLAS DE UM MUNICÍPIO COM POPULAÇÃO
PREDOMINANTEMENTE URBANA: O CASO DE CRICIÚMA-SC**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Bacharel no curso de Geografia da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Sônego

CRICIUMA, 2011

SIMONE CARVALHO DA SILVA

**ASPECTOS AGRÍCOLAS DE UM MUNICÍPIO COM POPULAÇÃO
PREDOMINANTEMENTE URBANA: O CASO DE CRICIÚMA-SC**

Trabalho de Conclusão de Curso
aprovado pela Banca Examinadora para
obtenção do Grau de Bacharel, no Curso
de Geografia da Universidade do Extremo
Sul Catarinense, UNESC, com Linha de
Pesquisa em Geografia Agrária.

Criciúma, 29 de novembro de 2011.

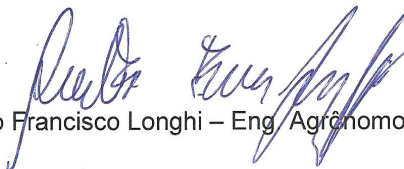
BANCA EXAMINADORA



Prof. Márcio Sônego - Doutor - (UNESC) - Orientador



Prof. Homero Haymussi - M.Sc. - (UNIVALI)



Roberto Francisco Longhi - Eng. Agrônomo - (EPAGRI)

Ao meu grande amor, Gustavo Silva de Souza. Obrigada por estar ao meu lado.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me dado forças para encarar todas as dificuldades que encontrei no caminho e chegar até aqui.

A minha família, pelo apoio dado a mim no decorrer desta caminhada.

Aos amigos do curso de Geografia, em especial a Andréia, Sabrina, Suzane e Livia. Pessoas especiais que estarão sempre no meu coração.

Aos amigos que encontrei ao longo de todos estes anos e que de alguma forma me ajudaram.

Ao amigo Francion que me ajudou com os mapas.

A todos os entrevistados para meu trabalho, por disponibilizarem seu tempo a mim e me receberem tão bem.

A todos os professores que me ensinaram o conteúdo, mas acima de tudo ensinaram a ter dignidade e respeito para com as pessoas.

A Secretária do curso e amiga Andréia, que sempre estava disposta a ajudar e dar apoio.

Ao professor orientador Márcio Sônego, por estar sempre disposto a ajudar, dando força até o final desta caminhada.

Aos colegas de trabalho, pela ajuda e por cederem algumas horas para que eu pudesse realizar as entrevistas.

Enfim, um agradecimento muito especial a minha querida vó, que deu muita força no começo de minha caminhada acadêmica, e que infelizmente não está mais entre nós.

"... a principal forma de relação entre o homem e a natureza, ou melhor, entre o homem e o meio, é dada pela técnica - um conjunto de meios instrumentais e sociais, com os quais o homem realiza sua vida, produz, e ao mesmo tempo, cria espaço".

Milton Santos

RESUMO

O presente trabalho procurou identificar e descrever a vida rural que ainda existe em Criciúma, município eminentemente urbano tanto no aspecto populacional como econômico, mas que ainda apresenta áreas de produção agropecuária. Relatos históricos dão conta de que a região era habitada por indígenas, e que a ocupação européia do município iniciou com a primeira leva de imigrantes italianos em 1880, formando um pequeno núcleo urbano de pouco mais de uma centena de pessoas. A exploração inicial destes imigrantes foi o extrativismo e a agropecuária. No início do século XX deu-se início à extração e beneficiamento de carvão mineral no município, atividade que atraiu trabalhadores da área rural e urbana, bem como de outras cidades e estados. A atividade carbonífera passou a ser então a principal fonte econômica do município e a principal causa da saída de famílias da área rural para a área urbana. O processo de urbanização foi muito rápido, considerando-se que o município tem pouco mais de 130 anos de colonização. Entretanto, muitas famílias ainda têm na agropecuária sua principal atividade, destacando-se a bananicultura, milho, feijão, fumo, arroz, hortaliça e pecuária. Estas famílias rurais muitas vezes dividem suas atividades entre o rural e o urbano, sendo muito comum encontrar os pais ainda na “roça” enquanto os filhos estão trabalhando e morando na cidade. Este trabalho analisou dados dos censos do IBGE e artigos correlatos, e fez entrevistas com pessoas ligadas ao setor agropecuário, para poder caracterizar o meio rural do município de Criciúma e entender as perspectivas que as famílias rurais têm para o futuro.

Palavras-chave: agricultura familiar, geografia agrária, meio rural, revolução verde, urbanização.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Localização do município de Criciúma.....	24
Figura 2 - Altitude do município de Criciúma.....	25
Figura 3 - Classificação climatológica de Santa Catarina segundo Koeppen.....	26
Figura 4 - Recorte do mapa Geológico de Santa Catarina.....	27
Figura 5 - Recorte do mapa Geomorfológico de Santa Catarina.....	27
Figura 6 - Recorte do mapa de Solos de Santa Catarina.....	28
Figura 7 - Recorte do mapa de vegetação de Santa Catarina.....	29
Figura 8 - População urbana e rural do município de Criciúma de 1970 a 2010.....	30
Figura 9 - Produção da pecuária do município de Criciúma em cabeças no ano de 2004.....	34
Figura 10 - Produção da pecuária do município de Criciúma em cabeças no ano de 2010.....	34
Figura 11 - Localização das áreas agrícolas no município de Criciúma.....	37

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Área cultivada em hectares por ano de lavoura permanente.....	31
Tabela 2 - Área cultivada em hectares por ano de lavoura temporária.....	32

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
EPAGRI	Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina
Cfa	Clima temperado úmido com Verão quente
IPAT	Instituto de Pesquisas Ambientais e Tecnológicas

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 OBJETIVOS.....	12
2.1 Objetivo geral	12
2.2 Objetivos específicos.....	12
3 REFERENCIAL TEÓRICO.....	13
3.1 O histórico da agricultura brasileira.....	13
3.2 O urbano e o rural.....	17
3.3 O histórico da agricultura de Santa Catarina com ênfase no município de Criciúma.....	19
4 METODOLOGIA	23
5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	24
5.1 Caracterização da área de estudo.....	24
5.2 População do município de Criciúma.....	29
5.3 Produtos agrícolas produzidos no município de Criciúma.....	30
5.4 Localização das áreas agrícolas do município de Criciúma.....	33
5.5 Percepção atual e perspectiva para o futuro dos agricultores do município de Criciúma.....	38
6 CONCLUSÃO	41
REFERÊNCIAS.....	42
ENTREVISTAS:	44
ANEXO(S).....	45

1 INTRODUÇÃO

Em âmbito mundial, o meio rural vem passando por um processo de mudança, principalmente com o processo avançado de urbanização. Quando o meio urbano se expande, ele acaba tomando o lugar do espaço rural obrigando o agricultor a vender sua propriedade e ir viver na cidade. Isto faz com que cada vez mais diminua a população rural.

As pessoas que saem do meio rural em direção ao meio urbano buscam muitas vezes uma qualidade de vida melhor, uma vida menos sofrida e trabalhosa. No entanto, muitas vezes esta busca do algo melhor é em vão e o que elas encontram é uma qualidade de vida inferior a que se tinha no campo.

No município de Criciúma também ocorre esta migração do campo para a cidade, de maneira bem acentuada, principalmente após a descoberta do carvão mineral na região. Com o surgimento das empresas mineradoras a população rural se desloca para lugares próximos as minas para trabalhar, formando ali os primeiros sinais de áreas urbanas.

Estas áreas se expandem cada vez mais no decorrer dos anos e hoje o município de Criciúma é considerado um pólo da região carbonífera. É o município que mais se desenvolveu economicamente, com um total de 192.308 habitantes, e destes apenas 2.678 moram no campo.

Como se pode notar a população rural do município é bem menor do que a urbana e, neste sentido, este trabalho buscou realizar uma análise da transformação do rural em urbano que Criciúma sofreu e vem sofrendo no decorrer dos anos, já que há vinte anos a população rural era bem maior, bem como levantar junto à população rural ainda existente no município o que eles sentem em relação a agricultura hoje e qual as perspectivas para o futuro no campo.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Quantificar, espacializar e temporalizar as atividades do setor agropecuário no município de Criciúma.

2.2 Objetivos específicos

- Identificar as atividades agropecuárias existentes no município de Criciúma.
- Caracterizar a evolução agrícola do município de Criciúma do ano de 2000 a 2010.
- Localizar as áreas rurais em que determinados produtos agrícolas tem maior produção.
- Caracterizar a família rural criciumense, sua percepção atual e sua perspectiva de futuro.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

O município de Criciúma foi colonizado por imigrantes vindos da Itália, no ano de 1880, a partir de quando começaram a existir formas de exploração econômica do município. Inicialmente esta exploração era exclusivamente agropecuária para subsistência das famílias colonizadoras, e comercialização dos excedentes. Entretanto, após o início da exploração do carvão mineral no início do século XX o município, até então pertencente à Araranguá, iniciou uma transformação econômica, passando a atividade mineradora a ser a propulsora do crescimento econômico. Ao longo dos anos a atividade agropecuária perdeu importância perante o setor minerador, comércio e serviços, mas ainda restou uma expressiva parcela da população vivendo e obtendo sua principal fonte de renda de atividades agropecuárias.

Nesta seção serão levantados alguns dados da literatura relevantes ao setor agropecuário e suas transformações ao longo do tempo no município de Criciúma, iniciando-se por uma contextualização à nível de Brasil.

3.1 O histórico da agricultura brasileira

Durante o período colonial da história do Brasil, quem controlava as terras na então Colônia era a Coroa Portuguesa. Inicialmente glebas de terra foram cedidas por empréstimo para algumas pessoas de confiança da Coroa em forma de capitâneas hereditárias e de sesmarias, suprindo assim as necessidades de obtenção de lucro (STÉDILE, 1997). Era usado o sistema de *plantation*, que segundo Laranjeira (1983) eram grandes propriedades monocultoras e escravistas, cuja produção era voltada toda para a exportação e o consumo interno era mínimo, caracterizando assim o Brasil como colônia de exploração.

Stédile (1997) comenta que em 1850, com o aumento da área cultivada com o café e a lei que proibia o tráfico negreiro “Lei Eusébio de Queirós”, esse quadro sofreu profundas mudanças. Com o fim da escravidão, a mão-de-obra para trabalhar nas lavouras passou a ser constituída por imigrantes livres vindos da Europa, continente que estava passando por momento de crise, sobretudo no campo.

Com o intuito de garantir a mão-de-obra barata aos latifúndios, o governo impediu o acesso dos imigrantes à propriedade através da criação, também em 1850, da Lei de Terras. Stédile (1997, p. 10) afirma que:

Foi dentro deste contexto que Dom Pedro II promulgou a Lei nº 601, de 18 de setembro de 1850, conhecida como a *primeira lei de terras*, que definiu como seria constituída a propriedade privada da terra no Brasil. Essa lei determinava que somente poderia ser proprietário da terra quem legalizasse sua propriedade nos cartórios, pagando certa quantidade em dinheiro para a coroa. Essa lei discriminou os pobres e impediu que os escravos libertos se tornassem proprietários [...].

Ainda Stédile (1997) fala que em 1946 ocorreu a primeira eleição para eleger uma assembléia constituinte democraticamente no Brasil, proporcionando grandes mudanças, dando início ao processo democrático no país. Sob o comando do senador Prestes começa-se a pensar em reforma agrária, tendo uma visão mais social da terra. Incorporava-se a idéia de que todas as terras que tinham mau uso deviam ser desapropriadas, terra esta que então voltaria para o estado que por sua vez distribuiria para pessoas que realmente tinham interesse de produzir. Nesse ínterim, teve início o processo de industrialização no Brasil e uma fragmentação das grandes propriedades, cujos donos venderam suas terras para se dedicar a atividade econômica urbanas, sobretudo à indústria e o comércio.

De 1964 a 1984 o Brasil viveu sob o regime militar. Neste período de ditadura militar ocorreu uma enorme concentração de terras nas mãos de poucos novamente e o conseqüente êxodo rural em direção aos centros urbanos por parte dos pequenos agricultores, fazendo diminuir assim a qualidade de vida de grande parcela da população, tanto rural quanto urbana.

Quando se trata de desenvolvimento rural no país, Navarro (2011) diz que se começou a discutir nos últimos 50 anos, quando passou a fazer parte das conversas e programas governamentais estimulando a disputa entre grupos sociais que tinham interesse em mudanças referentes ao aspecto social dos países. Essa discussão ligada ao desenvolvimento rural ocorreu em dois períodos, sendo que o primeiro é a partir da década de 1950 e, no segundo momento retorna em meados da década de 1990.

No período que se estendeu da década de 1950 até a década de 1990, segundo Navarro (2011), a economia mundial estava em ascensão pelo fato de se estar saindo da Segunda Guerra Mundial e todos os países estavam buscando alternativas de desenvolvimento econômico, estimulando assim os vários setores da

sociedade. A atividade rural teve grande participação na economia pós-guerra dos países, tanto nos hoje considerados desenvolvidos como nos subdesenvolvidos, pois a produção agrícola tinha grande significado econômico na participação das arrecadações públicas em qualquer um dos países.

Neste período surgiu também uma nova tendência de modernização da agricultura que aos poucos foi se tornando igual em todo o mundo: a chamada Revolução Verde. Segundo Tonneau (2004 apud Meandras, 1978; Wolf, 1976 p.84), a Revolução Verde teve o propósito de modernizar a agricultura e assim aumentar a produção agrícola através do intenso uso de fertilizantes, sementes geneticamente melhoradas, intensa mecanização e expansão dos sistemas de irrigação. Navarro (2011, p. 84) ao abordar a Revolução Verde ressalta que:

Com a disseminação de tal padrão na agricultura, desde então chamado de “moderno”, o mundo rural (e as atividades agrícolas, em particular) passou a subordinar-se, como mera peça dependente, a novos interesses, classes e formas de vida e de consumo, majoritariamente urbanas, que a expansão econômica do período ensejou, em graus variados, nos diferentes países. Esse período, que coincide com a impressionante expansão capitalista dos “anos dourados” (1950-1975), é assim um divisor de águas também para as atividades agrícolas, e o mundo rural (re)nasceria fortemente transformado, tão logo os efeitos desta época de transformações tornaram-se completos.

Navarro (2011) afirma que o processo de modernização no campo alterou toda estrutura agrária, pois, os pequenos produtores que não conseguiram se adaptar às novas técnicas de produção não alcançaram a produção suficiente para se manter na atividade. Assim muitos se endividaram com empréstimos bancários para modernizarem sua produção, tendo como única forma de pagamento da dívida a venda da propriedade para outros produtores. A Revolução Verde proporcionou uma maior eficiência na produção agrícola, mas de contra partida acabou ocasionando problemas sociais existentes ainda hoje, como a expulsão do pequeno produtor do meio rural para o urbano.

Este modelo de desenvolvimento segundo Tonneau (2004) foi um fracasso, pois ele não foi capaz de atingir a população mais pobre e ainda ajudou a fazer a desigualdade social aumentar, prejudicando principalmente a agricultura familiar.

O segundo período, onde o tema desenvolvimento rural ressurgiu, ocorreu recentemente, a partir dos anos 1990, com uma percepção contrária ao primeiro, na verdade, mais como resposta a impossibilidade de desenvolvimento. Navarro (2011, p. 84) ao falar deste segundo período afirma que:

Nos anos recentes, as motivações para o reaparecimento do debate sobre o desenvolvimento (e o desenvolvimento rural) modificaram-se radicalmente, caracterizando-se muito mais, ao contrário do primeiro período, por uma percepção acerca da aparente *impossibilidade do desenvolvimento* ou, pelo menos, suas imensas dificuldades de materialização. Aliás, pode-se ousadamente afirmar que talvez a inquietude social e política gerada pela disseminação da desesperança com relação ao futuro é que, de fato, tenha reavivado o crescente interesse pelo tema do desenvolvimento.

A forma de desenvolvimento globalizada e a recente preocupação com os problemas ambientais ocasionados pela forma de produção agrícola do primeiro período ocasionaram uma nova estruturação da sociedade forçando uma nova proposta de desenvolvimento. Tonneau (2004, p.86) destaca que o objetivo do desenvolvimento sustentável é buscar novas maneiras de produzir, utilizando de maneira diferente os recursos naturais provocando menos danos a natureza, sendo assim ele tem o que suprir as necessidades da sociedade em longo prazo.

No Brasil a produção agrícola em grande escala ou em grandes extensões territoriais chamados de latifúndios ainda é muito forte e a agricultura familiar cada vez mais perde espaço por que além de ter menos terra, quase não recebe recurso público para suporte de suas atividades. Neste sentido a agricultura familiar tem um peso social, econômico e sustentável muito maior que o agronegócio. Mas o que vemos é o crescimento da produção de alimentos para exportação, como nos mostra CONAB (2009, p. 31).

[...] A evolução das exportações em períodos recentes nos permite verificar com clareza o crescimento mais que proporcional dos produtos básicos sobre os manufaturados. Revela-se ai, a partir de 2003, um *boom* exportador de *commodities*, de sorte a elevar a participação dessa categoria de bens, a mais da metade da pauta de exportação.

A agricultura familiar vem perdendo cada vez mais espaço em detrimento a agricultura de exportação. A concentração da terra aumentou e diminuiu o espaço dos pequenos. As áreas urbanas têm um crescimento cada vez maior e muitas vezes acabam abafando o produtor e fazendo com que ele se desfaça de sua propriedade e busque seu sustento em outro meio. Para entender a agricultura familiar, Cazella et al. (2009, p.48) diz que.

Coerente com esse enfoque, a unidade de observação deixa de ser a agricultura *stricto sensu* e passa a ser a família rural considerada uma unidade social e não apenas unidade produtiva. Por família rural entende-se a unidade que se reproduz em regime de economia familiar e que desenvolve qualquer processo biológico sobre um pedaço de terra, "situada" num território com determinadas características socioeconômicas, culturais e ambientais. Nesses termos, amplia-se o universo de análise para além das unidades tidas como economicamente relevantes em função da

produção que realizam, isto é, as unidades familiares rurais são consideradas em seu conjunto, independentemente do estatuto sócio profissional que lhes é atribuído.

São estas unidades de agricultura familiar que produzem o alimento da cesta básica, e o agronegócio vai produzir produtos para exportação (MALVEZZI, 2011). Produzir alimento é um procedimento que exige a presença constante e muitos cuidados que o grande produtor não possui. Esta cultura de produção familiar de alimento não se cria de uma hora para outra. Como exemplo Malvezzi (2011) cita que a Venezuela, que é dominada durante séculos por latifúndios, não é auto-suficiente em nenhum dos produtos da cesta básica. Ela exporta petróleo para comprar comida.

Com o passar dos anos menos agricultores têm se dedicado a produção familiar, sendo que Malvezzi (2011) aponta que “no norte temos os descendentes de negros e índios; no sul e sudeste mais os descendentes da cultura européia de italianos, alemães, polacos, etc. (...) também podemos considerar a presença japonesa na produção de hortifrutigranjeiros nos cinturões das grandes cidades”.

3.2 O urbano e o rural

O primeiro relato de organizações urbanas é anterior à Cristo, quando o ser humano deixa de ser nômade e passa a se fixar em um lugar para produção agrícola, dominando algumas técnicas para efetuar este trabalho. Surgiram assim pequenos povoados (CARLOS, 2003).

Com a transição do feudalismo para o capitalismo as cidades ressurgiram com muita importância como o espaço onde o trabalho era livre. A semente da liberdade gerou produções históricas e sociais que derrubaram o feudalismo, porque possibilitava ao homem fazer escolhas (SANTOS 1997).

O avanço tecnológico na agricultura resultou na produção de excedente de alimentos, o que possibilitava que as pessoas se dedicassem a outras tarefas, onde a cidade era o lugar de atividades não agrícolas (SANTOS 1997).

Os primeiros espaços urbanos surgiram onde a agricultura já estava em estágio avançado de desenvolvimento. Mais tarde ocorreu a divisão do trabalho de forma espacial, com cada grupo assumindo características bem específicas: “a urbana sendo pontual e a agrícola dispersa” (CARLOS 2003).

No Brasil o espaço rural representava o lugar onde se plantava a mandioca, o milho, o feijão entre outras coisas. Para Menezes (1976), o espaço rural “é um lugar sem vida, sempre em silêncio, sem luz, triste (...) em contra partida o urbano é alegre, cheio de vida, com casas próximas e bastante luminosidade e movimento de carros”. Assim a representação rural pode parecer negativa e do urbano positivo, mas o movimento que vem para caracterizar o urbano pode indicar a incerteza e a insegurança deste ambiente (MENEZES, 1976).

Sposito (2001) fala que a cidade não é o lugar de produção e sim o de dominação. A cidade é o local onde temos reunidos vários tipos de profissões que vão possibilitar ao ser humano interagir entre eles trocando informações e conhecimento.

Estes fatores somados a facilidade de comprar em mercados e lojas comerciais em geral, vai viabilizar a circulação de capital financeiro. Com o aumento deste capital a cidade tende a crescer sempre mais, como se fosse uma obra humana que está se sobrepondo ao próprio homem (CARLOS, 2003)

Santos (1997) refletiu dizendo que “não podemos mais nos referir a noção clássica de relação entre cidade e campo (...) isto não significa que não existe mais esta relação, mas sim que as relações mudaram. A cidade hoje pode não manter um contato com sua vizinhança imediata, mas, no entanto manter contato com cidades distantes até mesmo de fora do país”.

Por haver o crescimento desordenado das cidades acabaram surgindo os problemas sociais e as diferenças da população por classe. Uma parte da população com mais capital financeiro vai aproveitar as melhores coisas que a cidade pode oferecer, enquanto que a classe mais baixa acaba sendo jogada para áreas mais longe e tem que viver em pedaços de terra menor e com residências feitas de material inferior (CARLOS, 2003).

Lopes (1972) fala que o processo intensificado da industrialização e a criação das redes de transportes e de comunicações acabaram ajudando o desenvolvimento econômico do país ocasionando unificação das regiões por meio do processo migratório de rural para urbano que ocorre em todo o país e de região para região.

No Brasil de 1950 até os dias atuais a população rural vem tendo uma queda vertiginosa enquanto a população urbana passa pelo processo contrário tendo um crescimento bastante acentuado (PORTELA; VENSENTNI, 1998). Esta

mudança populacional é conhecida como êxodo rural, que nada mais é do que a migração da população rural para as cidades.

Um dos fatores que favorecem este acontecimento é a mudança econômica do país, com o crescimento acelerado do capitalismo através da industrialização e urbanização (PORTELA; VESENTINI, 1998).

Com a melhoria das estradas e dos meios de transporte, há uma intensificação do processo migratório da população para os centros urbanos, somados ao movimento pendular de pessoas até estes centros para consumir ou trabalhar, acabando por transformar os grandes centros, possibilitando assim o crescimento das atividades socioeconômicas dentro do espaço urbano (SANTOS, 1997).

Os fatores que fazem com que a população deixe o campo e vá para as cidades podem ser: a busca por um emprego com estabilidade; o fato de ter apenas um pequeno pedaço de terra para produzir e tirar o sustento para um grande grupo familiar; a pressão dos grandes proprietários para comprar a terra dos pequenos; e a busca por uma qualidade de vida melhor tendo em vista que quem migra para cidade é o pequeno proprietário ou o trabalhador rural sem terra (PORTELA; VESENTINI, 1998).

3.3 O histórico da agricultura de Santa Catarina com ênfase no município de Criciúma.

O histórico da agricultura no estado de Santa Catarina não difere muito do que ocorreu no Brasil como vimos anteriormente. Em Santa Catarina, para garantir a posse das terras descobertas no litoral a Coroa Portuguesa trouxe cerca de 6.000 imigrantes açorianos e alguns madeirenses (PIAZZA, 1994). Quando estes imigrantes chegaram aqui, tornaram-se agricultores de subsistência, pescadores artesanais e artesãos na área litorânea e criadores de gado na região de pastagens naturais (PIAZZA, 2000).

Estes imigrantes açorianos quando chegaram a Santa Catarina, receberam terrenos, de sedimentação recente (constituídos por areais ou manguezais), com baixa fertilidade. Sendo assim, os açorianos buscaram dar continuidade a tradição pesqueira que eles tinham e a criação de artesanatos manuais. Com relação a este fato, Zoldan (2004, p.70) ressalta ainda que:

O tamanho das propriedades recebidas pelos açorianos estava em torno de 27 hectares. Estas propriedades foram organizadas inicialmente com vistas à produção de culturas sugeridas pelas próprias autoridades. Dentre estas, incluem-se o café e o trigo, que acabaram tendo pouco sucesso devido às condições naturais. As principais culturas constituíram-se na mandioca, no arroz e na cana-de-açúcar. A organização da produção parece ter sido do tipo artesanal.

Até 1950, Olinger (1998) afirma que no estado de Santa Catarina havia pequenas propriedades rurais, tendo uma grande diversidade de produtos. Além da lavoura diversificada o agricultor possuía em sua propriedade galinhas, porcos, vacas leiteiras quase tudo o que era necessário para o sustento da família, comprando pouca coisa. Esta era uma característica bem mais forte dos agricultores do litoral do estado onde a colonização é européia, primeiramente açoriana e depois de outros países.

Já o planalto era coberto por campos onde se tinha a média propriedade com uma área maior que mil hectares e, as grandes propriedades com áreas superiores a três mil hectares, ambas utilizadas para criação de gado (OLINGER, 1998).

No restante do Brasil crescia o consumo de carne de gado, o que faz surgir à idéia da criação de uma ligação terrestre para transporte deste gado entre Rio Grande que era o grande produtor de bovinos e São Paulo – o chamado “Caminho do Sul” (PIAZZA, 1994). Desta forma a colonização no planalto catarinense deu-se por ser o caminho das tropas, como nos mostra Zoldan (2004, p.68).

O comércio sistemático e contínuo desses animais permitiu estabelecer historicamente o ano de 1730 como o início desse importante ciclo. O ponto de partida eram as praias de Araranguá, seguindo pela impressionante escarpa de Ausentes e Bom Jesus até os campos de Lages e Curitiba, direcionando-se para o norte. O ponto final era Sorocaba, local escolhido para a comercialização dos animais, abastecendo Minas, São Paulo e o Vale do Paraíba.

Piazza (2000) fala que a abertura do Caminho do Sul leva uma grande quantidade de estancieiros e tropeiros a se fixarem ao longo deste caminho. Zoldan (2004) concordando fala que a marcha diária dos tropeiros chegava ao máximo quarenta quilômetros e eles então paravam para descanso; por repetir estes pontos de descansos por inúmeras vezes, veio então o surgimento de futuras vilas, freguesias, que hoje são cidades.

O município de Criciúma teve inicialmente uma formação agrícola como no restante do estado. No entanto, a agricultura aqui não ganhou força devido à

descoberta do carvão mineral na região. A exploração do carvão fez com que a população saísse do meio rural para trabalhar nas minas, no comércio que começou a se fortalecer e nas indústrias ligadas à extração do carvão. Este fluxo migratório incitou a urbanização da região, principalmente dos municípios de Criciúma, Tubarão e Imbituba (TORESAN, et al., 2002).

Campos (2001) dividiu a história do carvão em quatro fases, sendo a primeira, de 1827 a 1876, que abrangia a descoberta do carvão e os estudos para saber a qualidade e o uso dele. A segunda se estendeu de 1876 a 1917 e compreendeu o surgimento de duas empresas mineradoras e a tomada de algumas providências para o transporte e comercialização deste carvão como a construção da estrada de ferro Dona Thereza Cristina. A terceira fase de 1917 a 1940, como consequência da primeira Guerra Mundial, surgiu um novo e forte interesse no carvão nacional e o Presidente Getulio Vargas criou políticas de sentido nacionalista que incentivaram a produção e o uso do carvão. Nesta terceira fase surgiram grandes companhias carboníferas. A quarta fase estende-se de 1950 até dias atuais, onde a extração de carvão mineral tem passado por várias mudanças desde a produção, comercialização e objetivos de uso.

Costa (2001) divaga sobre as transformações do rural para o urbano no município de Criciúma, afirmando que em outros tempos as famílias se situavam no calendário de acordo com as épocas de plantio e colheita. As pessoas se encontravam em festividades ligadas a religiosidade em suas comunidades e em comunidades vizinhas, mas que com o passar do tempo estes lugares passaram a ser chamados de bairro e a ganhar características urbanas.

A expansão da produção carbonífera no município alavancou o crescimento da população na área urbana e o surgimento de vilas, fortaleceu o comércio, e fez circular dinheiro. Em qualquer lugar que se tinha afloramento de carvão mineral era aberta uma mina e junto a ela eram construídas casas, latrinas, clubes e igrejas. Era uma ocupação de forma desordenada, o que resultou em seqüelas até os dias atuais como a falta de planejamento urbano. Porém, foi este crescimento que fez o município de Criciúma tornar-se pólo regional (CAMPOS, 2001).

O próprio Costa (2001) afirma que apesar de Criciúma ser hoje um município com expressões urbanas muito fortes, existe ainda bairros que mantêm a característica do rural. Como exemplo cita o bairro Primeira Linha onde apesar de

ter alguns pontos urbanos ainda contém características fortes de meio rural. E assim como o bairro Primeira Linha tem-se outros lugares dentro do limite do município de Criciúma com características rurais

4 METODOLOGIA

A realização deste trabalho envolveu inicialmente a pesquisa bibliográfica de artigos relacionados ao desenvolvimento rural e suas conceituações correlatas. Em seguida estudou-se este tema para o município de Criciúma. Dados dos censos do IBGE também foram consultados. Foram feitas entrevistas com pessoas ligadas ao setor agropecuário de Criciúma. Os resultados são apresentados em forma de relatos, gráficos, tabelas e mapas.

Para realizar a produção do referencial teórico, foi feita uma pesquisa bibliográfica envolvendo autores como Stédile (1997), Navarro (2011), Tonneau (2004) entre outros, para fazer um breve histórico da agricultura no Brasil. Autores como Zoldan (2004), Piazza, Olinger (2000), Toresan (1988), Costa (2001), Campos (2001) e outros foram consultados para fazer o histórico do estado de Santa Catarina e principalmente do município de Criciúma. E para colocar as peculiaridades do que é o espaço urbano e o espaço rural, foram consultados autores como Carlos (2003), Santos (1997), Menezes (1976), Sposito (2001), Portela; Vesentini (1998) entre outros.

Para investigar a transformação que o município de Criciúma sofreu de rural para urbano, foram utilizados dados do IBGE e imagens do município. Esta metodologia possibilitou avaliar a evolução da população urbana e rural ao longo dos anos.

Com o intuito de localizar as áreas rurais do município foi confeccionado um mapa, onde foram destacadas as áreas agrícolas de Criciúma e seus respectivos tipos de produção agropecuária. Para isso foi tomado um mapa base do município e com o auxílio do programa AutoCad foram localizadas e destacadas as áreas de produção eminentemente agropecuárias, aqui tratadas como áreas rurais.

Para caracterizar a família rural existente hoje no município e investigar as suas percepção para agricultura de hoje e as expeditivas para o futuro, foi realizada uma pesquisa em forma de entrevista. Esta entrevista constou de nove perguntas, e foi aplicada a quatro agricultores, ao engenheiro agrônomo do escritório municipal da EPAGRI, à presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Criciúma, e à presidente de uma cooperativa de pequenos produtores rurais.

5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

5.1 Caracterização da área de estudo

O município de Criciúma está localizado na região do Litoral Sul de Santa Catarina. A sede do município está na latitude $28^{\circ}40'$ Sul e longitude $49^{\circ}22'$ Oeste, como pode ser observada na Figura 1. Na Figura 2 é apresentado o mapa de altitudes do município, onde se percebem poucas áreas abaixo da cota de 10 metros ou acima da cota dos 200 metros, com maior predominância de altitudes entre 10 a 200 metros.

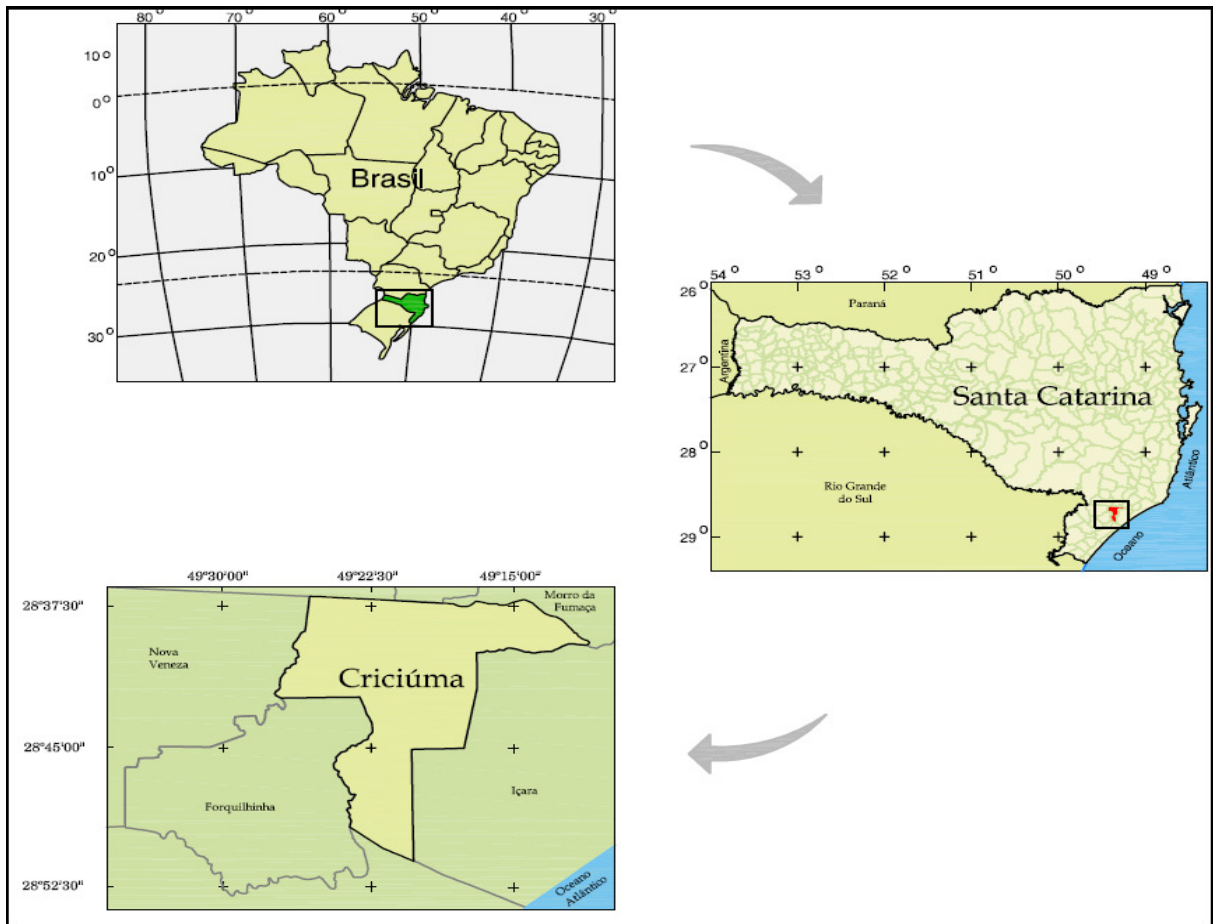


Figura 1 - Localização do município de Criciúma

Fonte: IPAT (2007). Adaptado pela autora.

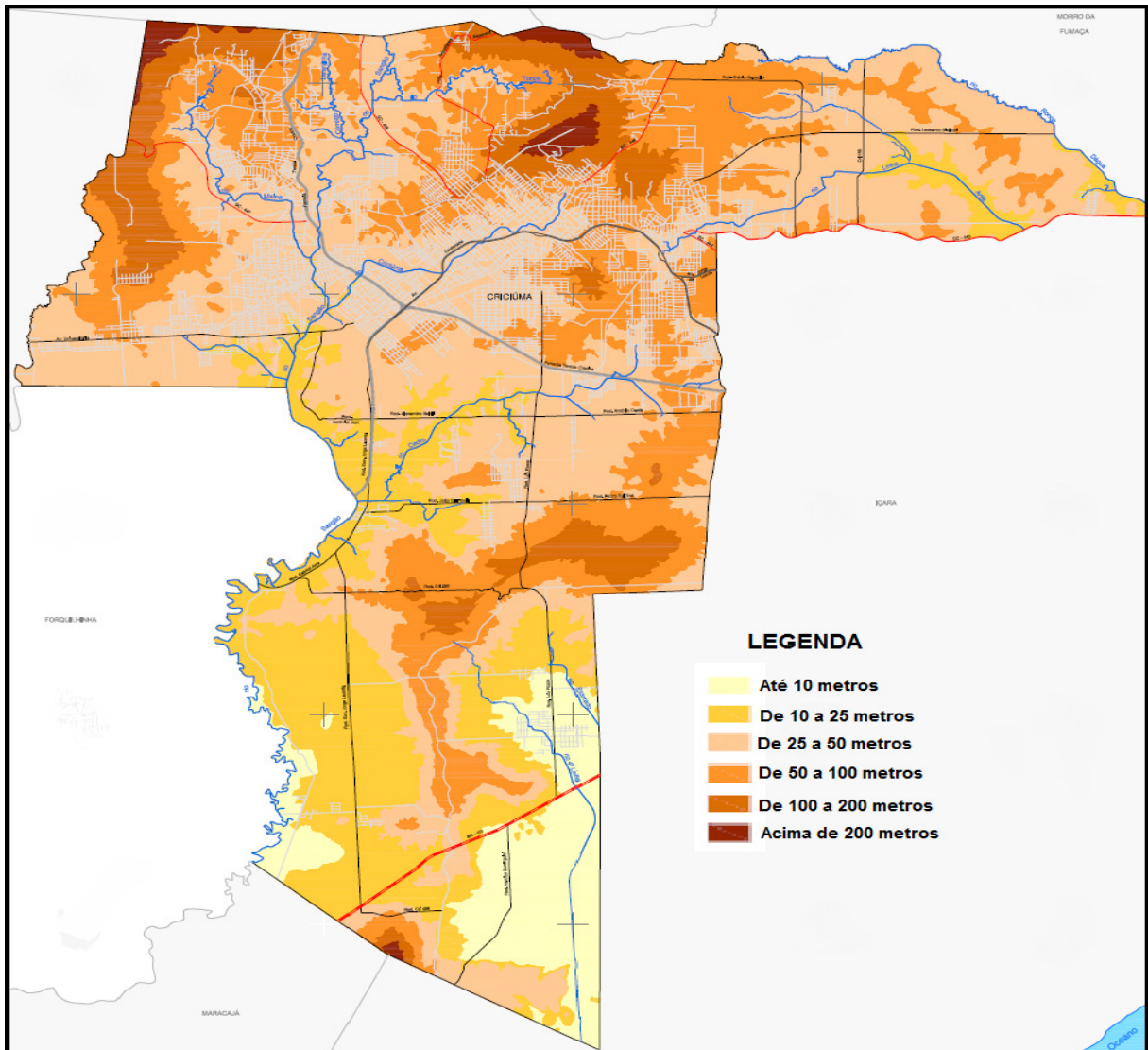


Figura 2 - Altitude do município de Criciúma.

Fonte: IPAT (2007). Adaptado pela autora.

Criciúma possui 192.308 mil habitantes e uma área de 235.627 km² (IBGE, 2011).

Pelo sistema de Koeppen, Criciúma faz parte do tipo de clima Cfa, definido como Clima Subtropical ou Mesotérmico Úmido, tendo um verão quente, como observado na Figura 3 (EPAGRI, 2002).

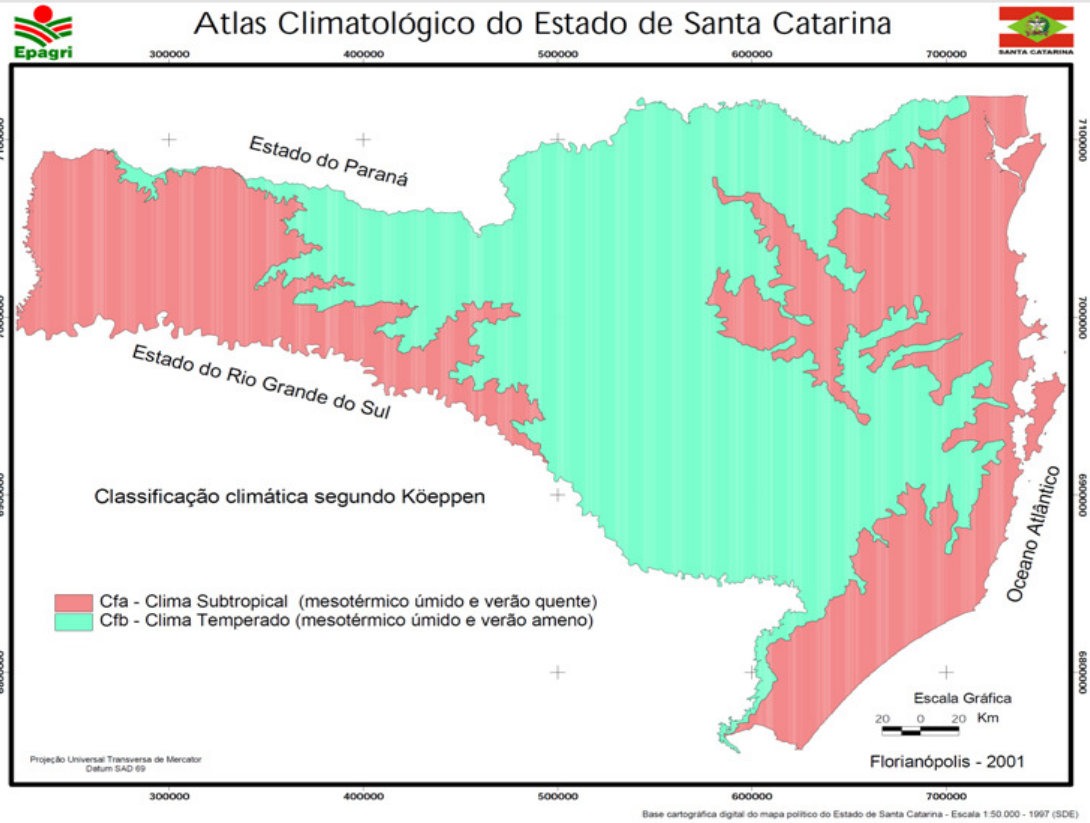


Figura 3 - Classificação climatológica de Santa Catarina segundo Koeppen
Fonte: EPAGRI (2002).

Na Figura 4 observa-se que o município está sobre uma Cobertura Sedimentar Quaternária, onde podem ser encontrados sedimentos arenosos, argilosos entre outros, e rochas sedimentares como arenitos, folhelhos e siltitos que se originaram da Bacia do Paraná (SANTA CATARINA, 2009). O município está inserido na Depressão da Zona Carbonífera Catarinense, onde afloram rochas sedimentares e vulcânicas e sedimentos inconsolidados oriundos da Planície Costeira como é mostrado na Figura 5.

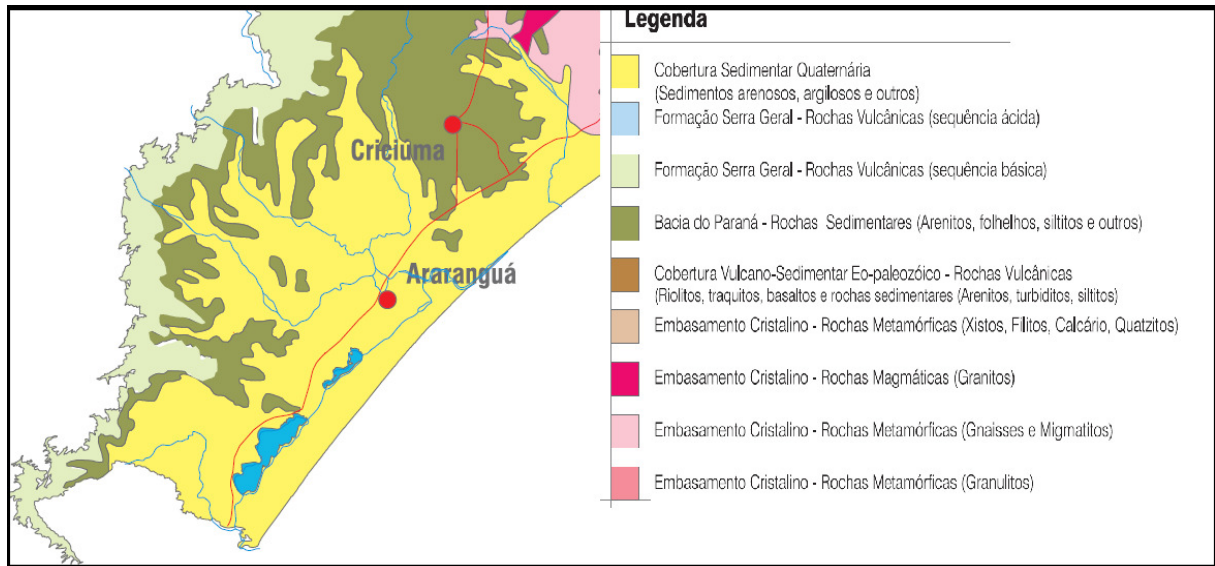


Figura 4 - Recorte do mapa Geológico de Santa Catarina.

Fonte: SANTA CATARINA (2009). Adaptado pela autora.

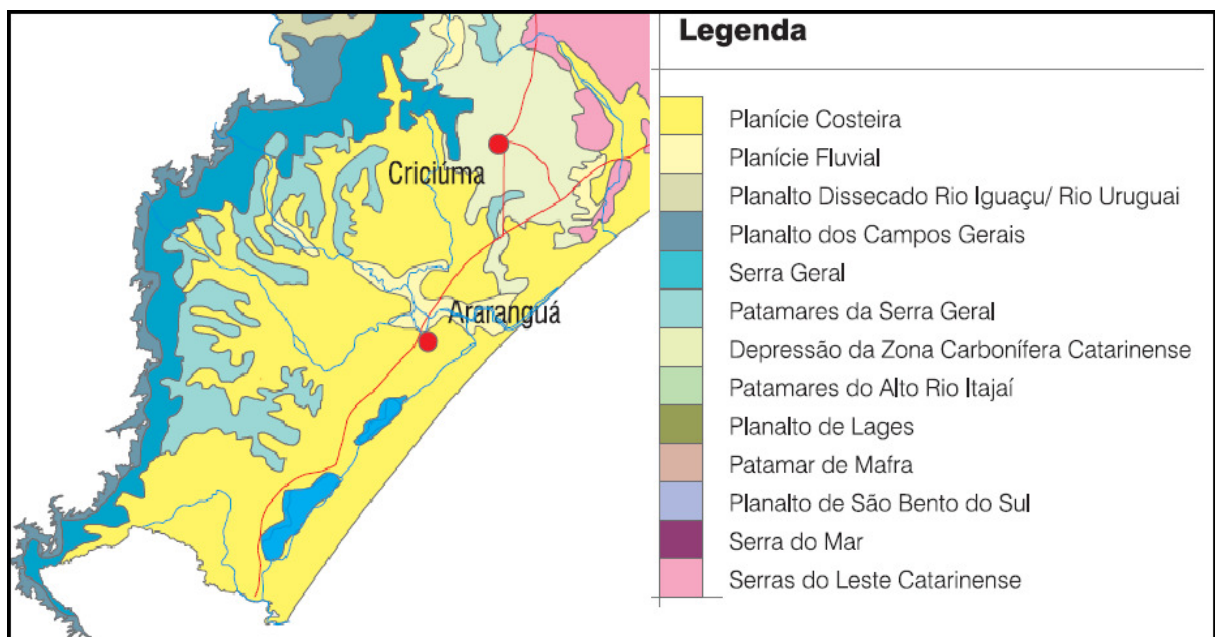


Figura 5 - Recorte do mapa Geomorfológico de Santa Catarina

Fonte: SANTA CATARINA (2009). Adaptado pela autora.

Pode ser observado na Figura 6 que o solo do município de Criciúma é caracterizado por Gleissolos, Argilossolos, Cambissolos e uma pequena quantidade de Nitossolos (SANTA CATARINA, 2009), sendo banhado pelas Bacias do Rio Urussanga e do Rio Araranguá.

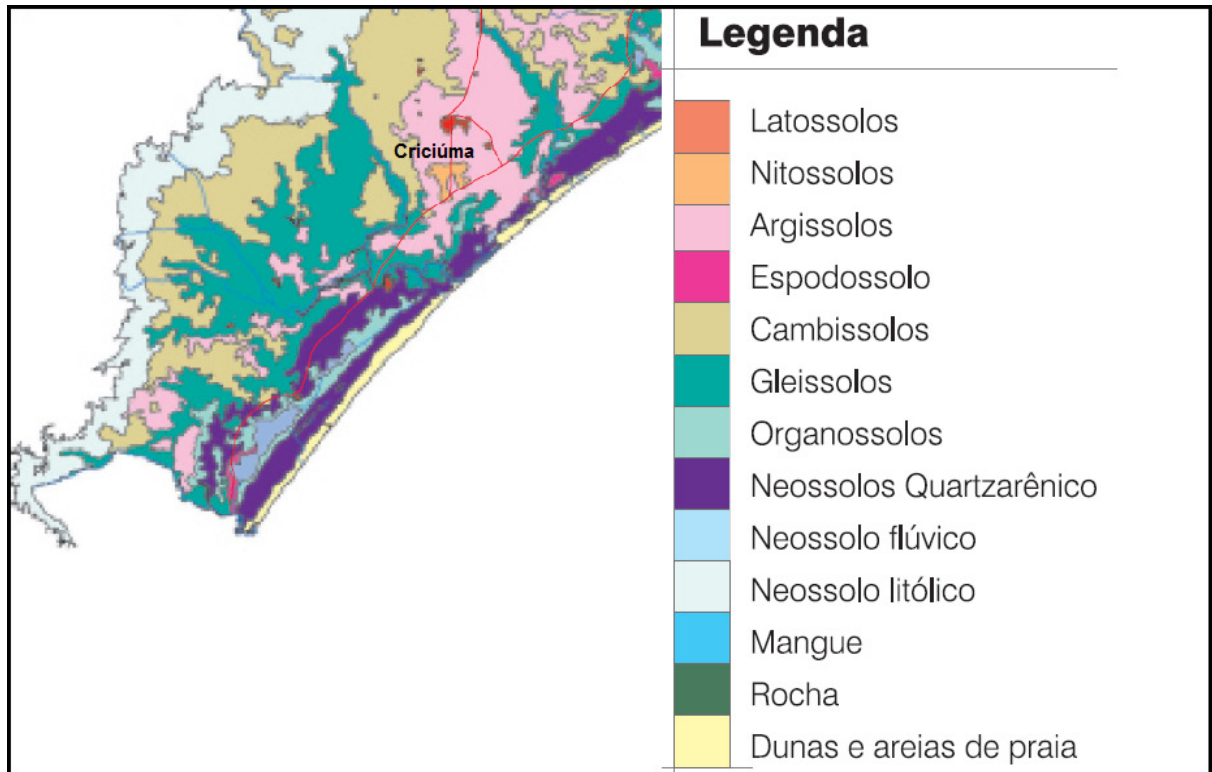


Figura 6 - Recorte do mapa de Solos de Santa Catarina.

Fonte: SANTA CATARINA (2009). Adaptado pela autora.

A vegetação do município é composta pela Floresta Ombrófila Densa (Mata Atlântica), como mostrado na Figura 7. As características deste tipo de vegetação é apresentar uma alta umidade no ambiente e não exigir temperaturas muito extremas no decorrer do ano. A floresta apresenta um conjunto denso de árvores, arvoretas, arbustos e ervas. No entanto, o remanescente da cobertura vegetal original ficou restrito a poucas áreas de preservação devido à ocupação urbana (SANTA CATARINA, 2009).

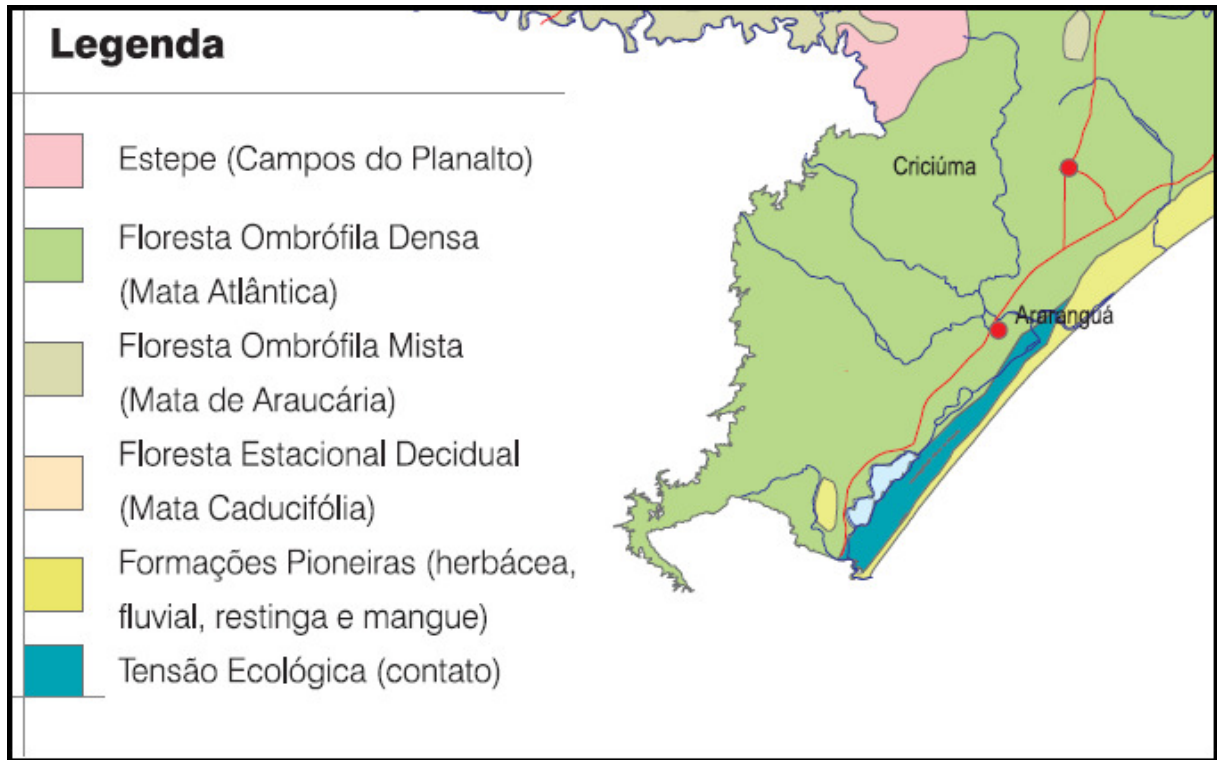


Figura 7 - Recorte do mapa de vegetação de Santa Catarina.

Fonte: SANTA CATARINA (2009). Adaptado pela autora.

5.2 População do município de Criciúma.

O município de Criciúma do ano de 1970 até 2010 apresentou aumento da população urbana e diminuição da população rural. Como se pode observar na Figura 8, a população rural sofreu uma queda bastante acentuada principalmente do ano 2000 para 2010.

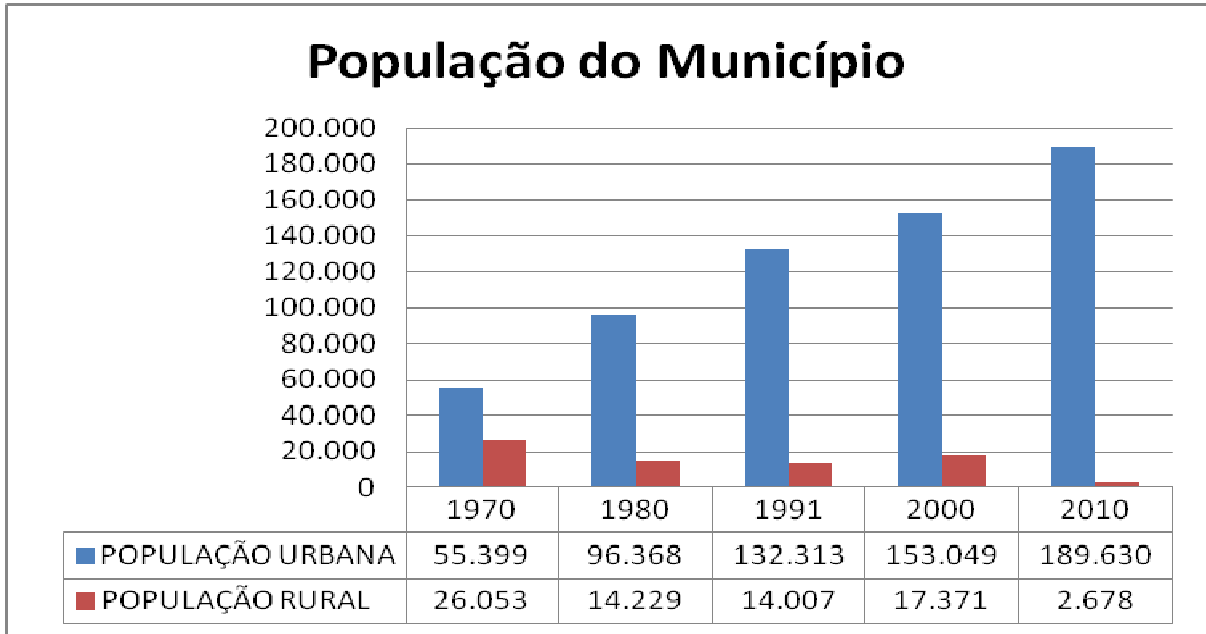


Figura 8 - População urbana e rural do município de Criciúma de 1970 a 2010.
Fonte: IBGE (2011).

Uma das principais causas desta queda populacional da área rural foi à expansão do território urbano que acabou roubando o espaço rural do município no decorrer dos anos.

A produção de alguns produtos oriundos da agropecuária do município vem diminuindo no decorrer dos últimos anos, tendo como causas a pouca valorização do produto, o aumento da área urbana e a migração da população rural para o espaço urbano do município.

Para o Engenheiro Agrônomo da Epagri, Roberto Longhi, estes números atuais da população rural são errôneos, pois quando o IBGE utiliza a divisas por setores, acaba se confundindo um pouco a área rural com área urbana. O IBGE divide em três tipos de setores sendo eles o setor urbano, setor rural e o setor rural com características de urbano. Neste último a população é calculada para o setor urbano, por isso que a população rural diminuiu bruscamente nos últimos anos. Roberto Longhi estima ter mais habitantes na área rural do que o IBGE considera.

5.3 Produtos agrícolas produzidos no município de Criciúma.

A área de produção permanente mais significativa no município de Criciúma é a cultura da banana, com outros tipos de cultivos em menor quantidade, como pode ser visto na Tabela 1, que mostra a produção da banana, uva, laranja,

maracujá e pêssego em hectares, do ano 2000 até 2010. Como citado anteriormente a banana é o produto que tem maior área plantada, com aumento da produção do ano de 2002 para 2003 e que permaneceu até hoje em 800 hectares.

Com relação aos outros produtos observou-se uma queda de produção no decorrer dos anos, sendo que o pêssego deixou de ser produzido no ano 2010.

Tabela 1 - Área cultivada em hectares por ano de lavoura permanente

Produto	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Banana	750	750	750	800	800	800	800	800	800	800	800
Uva	5	3	3	2	2	2	2	2	2	3	3
Laranja	20	20	20	20	20	5	5	5	5	5	5
Maracujá	7	8	8	6	6	4	4	4	4	5	5
Pêssego	2	2	2	0	0	0	0	0	1	1	0

Fonte: IBGE (2011).

Na produção temporária o município apresenta cultivos do arroz, batata-doce, batata-inglesa, cana-de-açúcar, cebola, feijão, fumo, mandioca, milho e tomate. Mas com relação à área produzida se destacam o arroz, feijão, fumo, milho e a batata-inglesa como observado na Tabela 2. Pode ser notado ainda que no decorrer dos anos a área de produção de batata-doce, cana-de-açúcar, cebola e feijão diminuíram, sendo que a batata-doce no ano de 2010 não foi produzida. Segundo Roberto Longhi, não significa que não tivemos nada de batata-doce planta, mas foi plantada uma área bem menor apenas para o consumo da própria família.

A área produzida de arroz vem mantendo uma estabilidade do ano 2003 até 2010 com 290 hectares plantados. O fumo, a mandioca e o tomate mostraram anos em que a área produzida aumentou e outros anos, diminuiu. O milho é o único produto que vem aumentando a área produzida nestes anos, sendo que em 2009 e 2010 permaneceu em 1700 hectares de área plantada.

Tabela 2 - Área cultivada em hectares por ano de lavoura temporária.

Produto	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Arroz	68	105	200	290	290	290	290	290	290	290	290
Batata-doce	0	0	0	10	10	10	10	10	10	10	0
Batata-inglesa	200	200	200	190	190	50	110	120	120	120	120
Cana-de-açúcar	84	84	84	84	84	84	40	50	50	50	50
Cebola	3	3	3	1	1	1	1	1	2	2	1
Feijão	1400	1020	1100	1000	1000	900	900	650	670	720	610
Fumo	501	494	488	644	600	581	584	419	427	697	680
Mandioca	160	60	60	90	110	110	110	110	110	100	100
Milho	900	980	880	1200	1200	1400	1400	1700	1800	1700	1700
Tomate	15	10	10	10	7	6	6	10	12	12	12

Fonte: IBGE (2011).

Tanto na lavoura permanente como na lavoura temporária é visto que a maioria dos produtos teve queda na área produzida. Os principais fatores que influenciaram esta queda foram a expansão do meio urbano sobre o rural e o valor do custo benefício da produção, isto é, muitas vezes os gastos para produzir são quase iguais o valor do ganho com a venda do produto final. Nas entrevistas com pessoas que vivem no campo, e de pessoas que estão à frente do sindicato e da cooperativa de produtos agrícolas, foi constatado que o fator custo/benefício é um dos principais desestimuladores dos agricultores a continuar no campo. Foi dito que muitos agricultores acabam produzindo apenas para sobreviver, sem ter altos ganhos. Mas vale também ressaltar que todos os entrevistados afirmaram que mesmo assim todos eles conseguem viver somente da produção na agricultura, e conseguem pagar todas suas dívidas com bancos e empresas.

O Engenheiro Agrônomo da Epagri Roberto Longhi informou que projetos em cooperativas estão ajudando e incentivando os agricultores a ter alternativa de ganhos diferentes para a família com os próprios produtos cultivados em suas terras. Hoje muitas famílias agricultoras do município de Criciúma não vendem somente o produto bruto, mas formaram cooperativas ou pequenas agroindústrias onde produzem pão, bolachas, doces, salames, queijo entre outras coisas. Isto proporciona um ganho alternativo e maior para os pequenos agricultores durante todo o ano.

A agricultora Loiva Cesa é a atual presidente da Cooperativa Nosso Fruto que conta hoje com 32 sócios, sendo eles agricultores familiares e agricultores de produtos orgânicos e produtora de banana orgânica. Loiva informou que a

cooperativa tem auxiliado os agricultores no sentido de divulgar seus produtos e vendê-los, fazendo com que a renda familiar dos agricultores aumente. Ela comentou que outras famílias poderiam participar da cooperativa, mas são impossibilitados pela falta de veículo para transportar o produto.

Segundo Roberto Longhi, o município de Criciúma tem aproximadamente 634 propriedades rurais com área de 12 a 15 hectares em média, o que não proporciona aos agricultores uma produção em grande escala. Sendo assim a agricultura do município é basicamente familiar.

5.4 Localização das áreas agrícolas do município de Criciúma.

No município de Criciúma encontram-se junto aos cultivos agrícolas algumas criações de animais, ou seja, pecuária, mas não em valores de produção muito significativo, já que se trata de um município onde predomina a agricultura familiar. Segundo IBGE (2011), no ano de 2010 o município de Criciúma teve um plantel de 8450 cabeças de bovinos, 200 de eqüinos, 1090 de suínos, 130 de caprinos, 410 de ovinos, 50000 de frango, 27000 de galinhas poedeiras e 1950 de vacas leiteiras. Observa-se na Figura 9 o plantel em cabeças no ano de 2004 e na Figura 10, a produção no ano de 2010. Em uma comparação entre os anos pode-se dizer que a quantidade de bovinos, eqüinos, suínos, caprinos, ovinos e vacas de leite vem aumentando, enquanto que a produção de frango e galinha poedeira diminui do ano de 2004 para 2010.

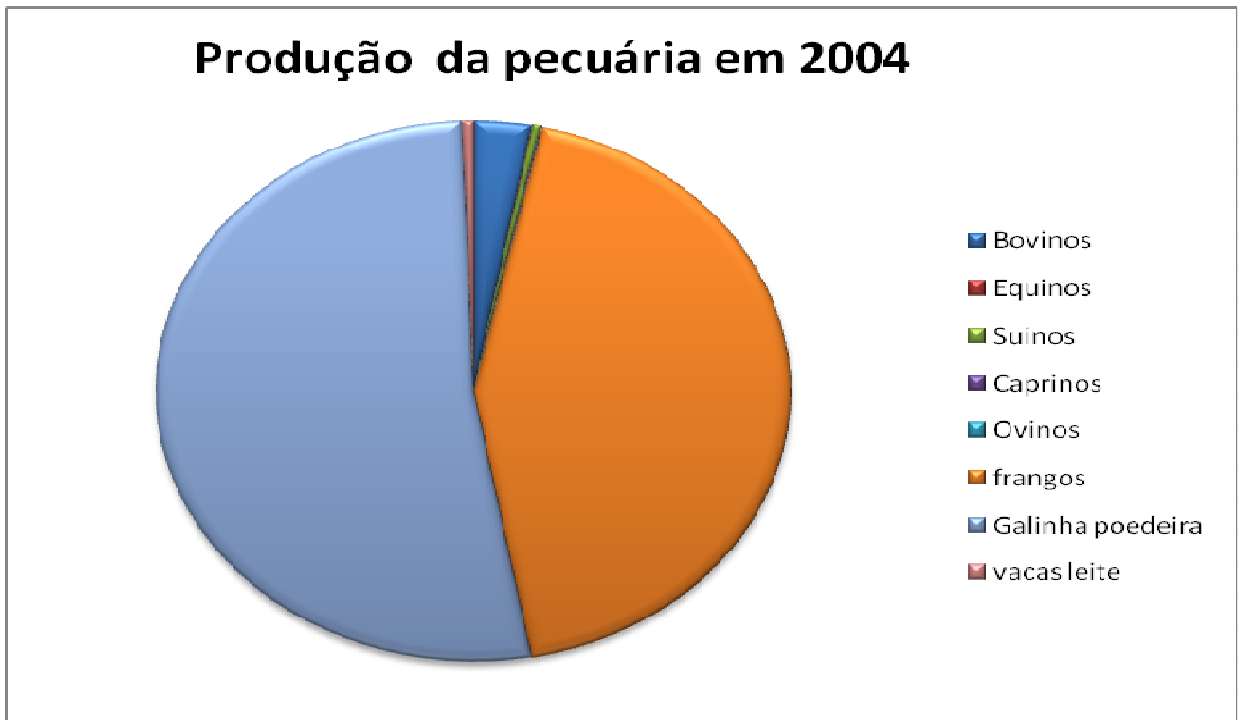


Figura 9 – Produção da pecuária do município de Criciúma em cabeças no ano de 2004

Fonte: IBGE (2011).



Figura 10 – Produção da pecuária do município de Criciúma em cabeças no ano de 2010

Fonte: IBGE (2011).

Na Figura 11 se observa a espacialização da produção agropecuária do município de Criciúma, isto é a localização das áreas que cultivam ou criam os produtos que tem maior significância para o ganho dos agricultores familiares do município.

A cultura da banana pode ser encontrada nos bairros Morro Estevão, Sangão, Morro Albino, Primeira Linha, Quarta Linha, Bairro Dagostim, São Marcos, Poço Um e Colonial, sendo a cultura permanente que possui maior área plantada chegando a 800 hectares em 2010.

Encontram-se lavouras de milho nos bairros Vila Visconde, Nossa Senhora do Carmo, Progresso, Linha Batista, Linha Anta, Demboski, Vila Maria e Vila São Domingos. A produção de milho no município teve um crescimento bastante significativo, aumentando de 900 hectares plantados em 2000 para 1700 hectares em 2010.

A produção de arroz irrigado pode ser encontrada nos bairros Mãe Luzia e Vila São Domingos. A área de arroz aumentou significativamente do ano 2000 para 2010, de 68 hectares para 290 hectares.

A batata-inglesa pode ser encontrada nos bairros Verdinho, Mina União e Wosocris. Entretanto a batata-inglesa vem sofrendo uma queda na área produzida, pois em 2000 a área plantada era 200 hectares e passou a 120 no ano 2010.

As lavouras de fumo se localizam com mais significância nos bairros Demboski, Linha Anta, Linha Batista, São Roque, Verdinho, Vila São Domingos e Vila Maria. Sendo que a área plantada do fumo vem aumentando também, tendo 501 hectares plantados em 2000 e 680 em 2010.

O aipim tem maior área plantada no bairro Verdinho. O município tem em 2010 uma área de 100 hectares plantada. Existem muitas lavouras pequenas para o consumo da família do tipo fundo de quintal, mas neste bairro existem lavouras maiores que utilizam o aipim para o abastecimento de feiras, mercados e restaurantes.

A produção de hortaliças vem ganhando força nos últimos anos no município, por ser uma atividade mais familiar e que não necessita de grandes extensões de terras para plantar, além de receber o incentivo da cooperativa para facilitar a venda dos produtos. Este tipo de cultivo se concentra nos bairros Linha Anta, Linha Batista, Demboski e Morro Albino.

O município de Criciúma também produz gado leiteiro, atividade esta que vem crescendo nos últimos anos. Além da comercialização do leite os produtores têm ganhado com a produção e venda dos seus derivados. A produção leiteira se concentra nos bairros Linha Batista, Linha Anta, Demboski, São Roque e Verdinho.

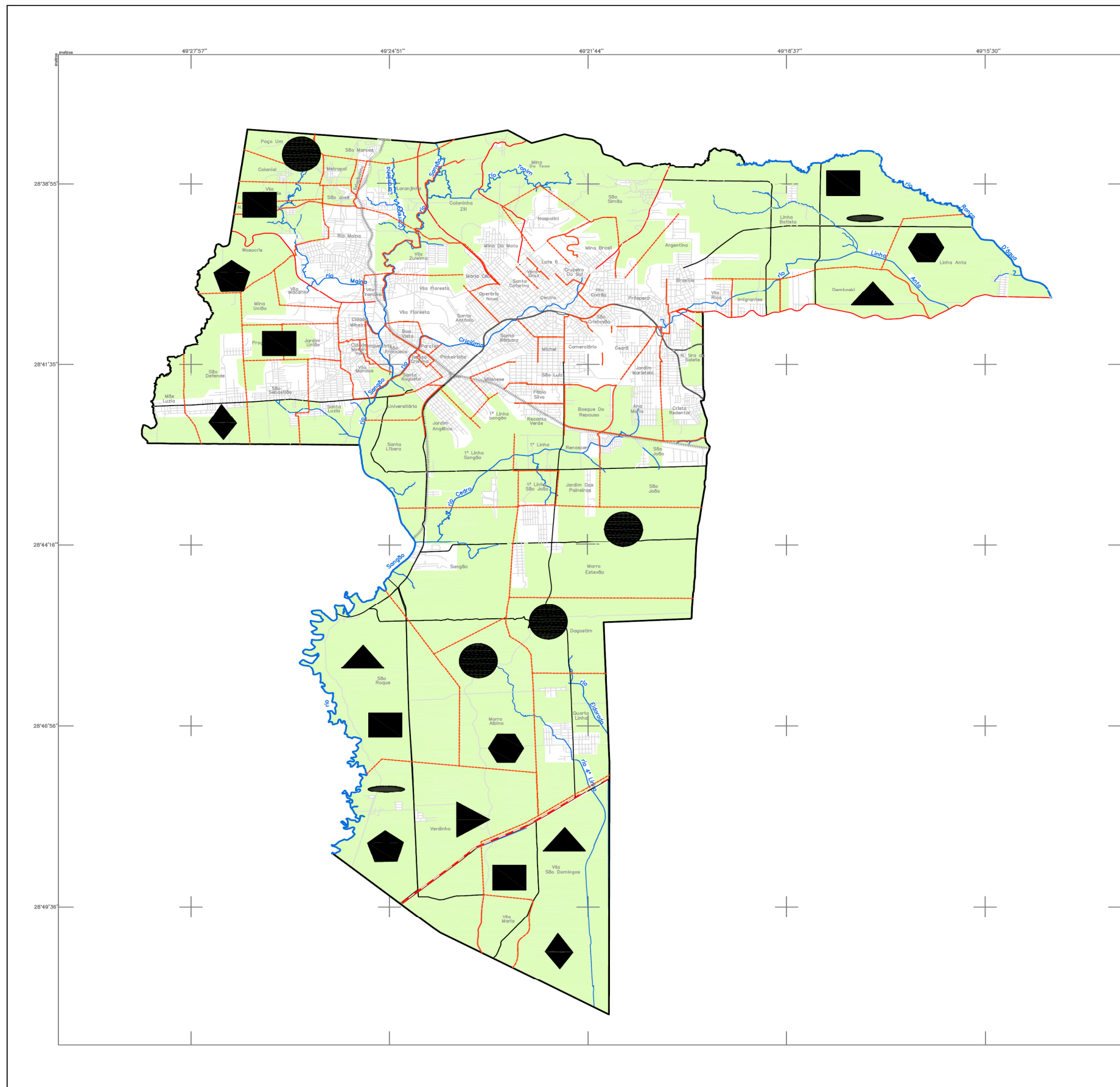
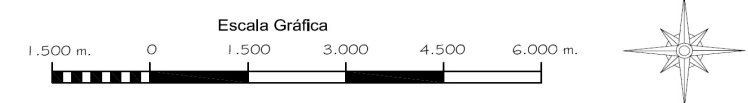


FIGURA 11 - Localização das áreas agrícolas no município de Criciúma
 Fonte: IPAT (2007) . Adaptado pela autora.

LEGENDA

- VIAS**
- Rodovia Federal
 - Rodovia Estadual
 - Rodovia Municipal
 - Malha Viária
 - Ferrovia
- LIMITES**
- Limite do Município de Criciúma
 - Limite Municipal
 - Limite de Bairros e Localidades
 - Limite de Regiões Administrativas do PDP
- HIDROGRAFIA**
- Rios Principais
- AGRICULTURA**
- Áreas agrícolas
 - Cultivo de banana
 - Cultivo de milho
 - Cultivo de arroz
 - Cultivo de batata-inglesa
 - Cultivo de hortalças
 - Cultivo de fumo
 - Cultivo de mandioca
 - Criação de gado leiteiro



Localização das áreas agrícolas no município de Criciúma		
Trabalho de conclusão de curso		
ACADEMICA Simone Carvalho da Silva		
FORMATO A2 594x420mm	ESCALA 1/75.000	DATA Novembro/2011

5.5 Percepção atual e perspectiva para o futuro dos agricultores do município de Criciúma.

As pessoas que vivem hoje no meio rural do município de Criciúma, em sua grande maioria tiram o sustento da família somente da agricultura. Poucas famílias têm uma ou duas pessoas que trabalham na cidade, mas não é no sentido de completar a renda familiar e sim de ter uma renda própria e uma independência da família, já que são os jovens filhos de agricultores que procuram o trabalho na cidade segundo Loiva Cesa.

Segundo Maria Gorete, presidente do Sindicato dos Produtores Rurais de Criciúma e também agricultora, 70% das famílias de agricultores do município conseguem tirar todo o sustento da agricultura. Ela ressaltou que quem vive no campo e produz em sua propriedade tem menos gastos do que as pessoas que vivem na cidade: “Muitos dos alimentos para consumo são produzidos pela própria família, precisando buscar na cidade poucas coisas. Já quem vive na cidade tem que comprar tudo”. Roberto Longhi complementou afirmando que estas pessoas que vêm trabalhar na cidade buscam emprego nas cerâmicas, mineradoras, construção civil e confecção.

Todos os agricultores disseram que a relação custo-benefício da produção agropecuária não é satisfatória, isto porque o custo para produzir está muito alto. Afirmaram haver bastante gasto com insumos, fertilizantes e sementes e o valor de venda do produto é baixo. Para o produtor Verginio Assis Ghedin o agricultor tem que fazer bastante economia no decorrer do ano para conseguir viver da agricultura. Loiva afirmou que é possível viver somente da agricultura, mas que a relação custo-benefício não é tão satisfatória como poderia ser, e ressaltou que é preciso valorizar mais a produção agrícola familiar. Esta assertiva é corroborada por Malvezzi (2011), o qual afirma que quem coloca a comida na mesa da população não é o grande produtor rural com suas grandes extensões de terra que produz soja ou etanol entre outras coisas; este é o exportador de produtos. A produção da agricultura familiar fica dentro do próprio país e garante com que o brasileiro tenha um alimento com qualidade em sua mesa.

Nota-se que a maioria da população rural hoje é composta por pessoas mais velhas. Em todas as entrevistas realizadas para fazer este trabalho as pessoas afirmam que os jovens saem em busca de algo melhor, pois a vida na agricultura é

mais sofrida. Muitos estudam, fazem faculdade e vão morar e trabalhar na cidade. Foi constatado nas entrevistas que hoje o jovem rural do município de Criciúma tem acesso a educação tanto em séries iniciais quanto nas séries finais e na faculdade. Existem colégios no meio rural e quando não tem um colégio próximo existem meios de transporte que facilitam a ida das crianças e adolescentes para a escola e faculdade.

Com relação às legislações ambientais existentes hoje, os produtores rurais foram unânimes em dizer que não concordam, pois se deve diferenciar o grande proprietário de terra do pequeno proprietário, mas que isto não influencia a saída do agricultor do campo, indo somente dificultar mais a vida dele. O produtor Verginio Assis Ghedin falou que as novas leis são meio contrárias as áreas das propriedades rurais existentes, mas que de contrapartida estão aí para defender o meio ambiente e ajudar na preservação do planeta. Afirmou ainda que isto não influencia a saída do agricultor do campo para a cidade e ainda defende que os órgãos públicos devem dar mais assistência técnica para os agricultores.

A produtora Maria Gorete falou que a vida no campo é maravilhosa, e que para ter uma boa qualidade de vida o campo é o lugar certo. Afirmou ainda que a cidade é o lugar do trabalho onde as pessoas vivem somente para trabalhar. Ela considera que mesmo a área rural do município perdendo espaço para a área urbana e que mais agricultores deixem o campo, para aqueles que ficarem no campo a vida vai melhorar e os ganhos vão melhorar, porque a população precisa da agricultura fornecendo os alimentos básicos a suas mesas.

Já Arnaldo Dagostin, produtor de bananas no bairro Quarta Linha, falou que espera que a vida na agricultura melhore, pois ela é bastante sofrida e trabalhosa e muito pouco valorizada principalmente no momento de vender seu produto. Disse ainda que não vê muito futuro para a agricultura se ela não passar a ser mais valorizada: “Hoje a maioria dos jovens filhos de agricultores estudam e saem do campo; se continuar esta tendência as pessoas que ficam hoje no campo daqui algum tempo não terão mais condições de trabalhar e não haverá quem continue o trabalho e então vão vender as terras”.

Para Loiva a vida na agricultura é maravilhosa e com o devido incentivo por meio de órgãos públicos para a agricultura familiar e a devida valorização dos produtos, a agricultura tem muito futuro. Concordando com as palavras de Maria Gorete ela fala que a população precisa se alimentar, sendo então que o que é

produzido na agricultura é vendido, bastando apenas que seja mais valorizado o produto rural para que os agricultores tenham uma vontade maior ainda de permanecer no campo.

Para enfatizar esta idéia o produtor Verginio Assis Ghedin afirmou que hoje falta o devido apoio do poder público para agricultura: “com este apoio teríamos um futuro muito maior”. Ele falou que tudo o que é produzido hoje é vendido e se houver maior produção será vendido também.

Roberto Longhi considera que a agricultura tem bastante futuro, pois a população em geral necessita dos produtos oriundos principalmente da agricultura familiar. Hoje os agricultores já estão buscando se profissionalizar e especializar mais em cursos, mas devem buscar muito mais que isto e procurarem formas de se organizar como associações, cooperativas, sindicatos: “porque sozinho ele pode ser fraco, mas unidos em grupos os agricultores ganham força e podem buscar maneiras de diversificar a produção a partir do que é produzido nas suas propriedades”. Segundo ele, hoje o município de Criciúma já conta com grupos de agricultores que produzem bolacha, pães, queijo, salame e vendem para mercados e feiras, fazendo a renda familiar aumentar.

6 CONCLUSÃO

A realização deste trabalho e a análise dos resultados permitiram à autora um conjunto de conclusões, levando em consideração a relação do espaço urbano e do espaço rural do município de Criciúma:

- 1- O crescimento do espaço urbano do município de Criciúma intensificou-se a partir da descoberta do carvão mineral.
- 2- O espaço urbano do município cresceu de maneira desordenada, o que ainda é causa para problemas como a falta de planejamento urbano.
- 3- No município de Criciúma temos uma área agrícola bastante ativa, apesar da diminuição acentuada da população rural nos últimos anos, a qual produz milho, arroz, batata-inglesa, fumo, vaca leiteira, banana entre outros produtos.
- 4- A produção de uva, laranja, maracujá, pêssigo, batata-doce, batata-inglesa, cana-de-açúcar, cebola, feijão, mandioca, tomate, galinha poedeira e frango vem diminuindo no passar dos anos. Já a produção de banana, arroz, fumo, milho, bovinos, suínos, eqüinos, caprinos, ovinos e vacas leiteiras têm aumentado no decorrer dos últimos anos. A diminuição tem como causas a pouca valorização do produto, o aumento da área urbana e a migração da população rural para o espaço urbano do município.
- 5- Há uma tendência da saída dos jovens da área rural para a área urbana do município.

Apesar de que a área rural e a produção agrícola do município vêm diminuindo nos últimos dos anos, sentiu-se um amor muito forte por parte dos agricultores em relação à vida no campo, apesar de ser uma vida onde se tem que trabalhar bastante. Mesmo assim os produtores rurais se mostraram felizes com a vida que levam, e jamais deixariam o lugar em que vivem. Entretanto eles sentem que falta a valorização da agricultura familiar por parte da população em geral e dos órgãos públicos, que poderiam dar um incentivo maior para os agricultores.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, Sebastião Netto. **Uma biografia com um pouco da história do carvão catarinense**. Florianópolis: Insular, 2001. 263 p.

CARLOS, Ana Fani A. **A cidade**. 7.ed. São Paulo: Contexto, 2003. 98 p

CAZELLA, Ademir A., BONNAL, Philippe e MALUF, Renato S. organizadores.

Agricultura familiar: multifuncionalidade e desenvolvimento territorial no

Brasil. Disponível em: < www.iica.int/Esp/regiones/sur/brasil/Lists/Publicacoes >

Acesso em 15 de setembro de 2011.

COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO (BRASIL). **Abastecimento e segurança alimentar: o crescimento da agricultura e a produção de alimentos no Brasil**. Brasília: CONAB, 2009. 547 p.

COSTA, Marli de Oliveira. . **O tempo atravessou a vila: (bairro primeira linha 1892-2000 - Criciúma SC)**. Criciúma, SC: Prefeitura Municipal de Criciúma, 2001. 133 p.

EPAGRI; MINISTÉRIO DA AGRICULTURA E DO ABASTECIMENTO. **Atlas climatológico do estado de Santa Catarina**. Florianópolis, maio de 2002. Versão em CD.

IBGE em As cidades. Disponível em < www.ibge.gov.br/cidades> Acesso em 15 de outubro de 2011.

INSTITUTO DE PESQUISA AMBIENTAIS E TECNOLÓGICAS. **Programa de fortalecimento da gestão municipal urbana**. Unesc, 2007.

LOPES, Juarez Rubens Brandão. **Desenvolvimento e mudança social formação da sociedade urbano-industrial no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Editora Nacional, 1972. 215 p.

MALVEZZI, Roberto. **O incômodo censo agropecuário**. Disponível em: <www.ecodebate.com.br > Acesso em 03 de outubro de 2011.

MENEZES, Cláudia. **A mudança análise da ideologia de um grupo de migrantes**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. 135 p.

NAVARRO, Zander. **Desenvolvimento rural no Brasil: os limites do passado e os caminhos do futuro**. Disponível em < www.scielo.br > Acesso em 05 de setembro de 2011.

- OLINGER, Glauco. **Extensão rural: verdades e novidades**. Florianópolis: EPAGRI, 1998. 113 p.
- PIAZZA, Walter Fernando. **A colonização de Santa Catarina**. 3ª ed. Florianópolis: Editora Lunardelli, 1994. 372p.
- PIAZZA, Walter Fernando. **A ocupação do território catarinense**. Florianópolis: Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, 2000. p. 27 – 39.
- PORTELA, Fernando; VESENTINI, José William. **Êxodo rural e urbanização**. 11 ed. São Paulo: Ed. Ática, 1998. 47 p.
- SANTA CATARINA. **Conhecendo Santa Catarina**. Florianópolis: Secretaria do Estado do Planejamento, 2009.
- SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 1997. 124 p
- SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. 7.ed Rio de Janeiro: Record, 2005. 473 p
- SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Capitalismo e urbanização**. 13. ed. São Paulo: Contexto, 2002. 80 p.
- STÉDILE, João Pedro. **A questão agrária no Brasil**. 7.ed. São Paulo: Atual, 1997. 71 p.
- TONNEAU, Jean-Philippe. Desenvolvimento rural sustentável: novo paradigma ou velhas questões. In WANDERLEY, Maria de Nazaré B. (org.). **Globalização e desenvolvimento sustentável: dinâmicas sociais rurais no Nordeste brasileiro**. São Paulo/Campinas:Polis/Ceres Unicamp, 2004.
- TORESAN, Luiz; MATTEI, Lauro; GUZZATTI, Thaíse Costa. **Estudo do potencial do agroturismo em Santa Catarina: impactos e potencialidades para a agricultura familiar**. Florianópolis: Instituto CEPA / SC, 2002. 59 p.
- VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel, 1998. 373 p
- ZOLDAN, P.; CAPPELINI, C. **Museu do agricultor de Santa Catarina: estudo para implantação**. Florianópolis. Instituto Cepa/SC/Fepa, 2004. 120p.

ENTREVISTAS:

LONGHI, Roberto Francisco. Criciúma, 24 de outubro de 2011.

DAGOSTIN, Arnaldo. Criciúma, 20 de outubro de 2011.

GORETE, Maria. Criciúma, 17 de outubro de 2011.

CESA, Loiva. Criciúma, 24 de outubro de 2011.

GHEDIN, Verginio Assis. Criciúma. 24 de outubro de 2011.

ANEXO(S)

ENTREVISTA:

No decorrer destes últimos anos temos uma notável queda nas áreas produzidas tanto de lavoura permanente como de lavoura temporária, na zona rural do município de Criciúma e uma queda bem acentuada no total de moradores, segundo os últimos censos do IBGE. Por estes motivos venho por meio deste questionário investigar as causas destas diminuições.

- 1- Nome?
- 2- Há quanto tempo mora neste local?
- 3- Você é o proprietário ou é arrendatário da propriedade?
- 4- Você tira o sustento de sua família somente da agricultura?
- 5- A relação custo-benefício da produção é satisfatória?
- 6- Como é o acesso a educação pelas crianças e jovens que vivem no campo?
- 7- Qual sua opinião com relação às legislações existentes em especial a legislação ambiental?
- 8- Qual sua percepção hoje sobre a vida na agricultura?
- 9- Quais suas expectativas para o futuro?